



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

Ana Beatriz Godinho de Oliveira

**AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO DE REGRAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO EM ADULTOS ATRAVÉS DO TESTE “WUG”**

Campinas
2024

ANA BEATRIZ GODINHO DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO DE REGRAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO EM ADULTOS ATRAVÉS DO TESTE “WUG”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para o curso de graduação em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Faria
Campinas

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lucia Siqueira Silva - CRB 8/7956

OL4a Oliveira, Ana Beatriz Godinho, 2001-
Avaliação de conhecimento de regras morfológicas do português brasileiro em adultos através do teste "wug" / Ana Beatriz Godinho de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador(es): Pablo Picasso Feliciano de Faria.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da linguagem. 2. Língua Portuguesa - Brasil. I. Faria, Pablo Picasso Feliciano, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações complementares

Palavras-chave em inglês:

Language acquisition

Portuguese language - Brazil

Área de concentração: Linguística

Titulação: Bacharel

Banca examinadora:

Pablo Picasso Feliciano de Faria [Orientador]

Rafael Luis Beraldo

Karin Camolese Vivanco

Data de entrega do trabalho definitivo: 03-07-2024

AGRADECIMENTOS

O processo de preparação, construção e aplicação do teste e dessa monografia foi desafiador, porém me permitiu crescer e amadurecer. Hoje, percebo que evolui muito desde o início deste trabalho. Assim, gostaria de agradecer a todos os que estiveram comigo neste tempo e me ajudaram a passar por cada etapa.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus por sempre cuidar de mim e me guiar. Sem Ele, eu não estaria tendo todas essas oportunidades. Depois, gostaria de agradecer o meu orientador por me ajudar e ter muita paciência comigo. Sei que em vários momentos foi preciso muita sabedoria para me orientar. Ainda, agradeço à minha família por sempre me dar suporte e, também, ter muita paciência comigo. Além disso, agradeço aos meus amigos e irmãos na fé, que sempre torceram por mim e me encorajaram em momentos difíceis. Agradeço também à UNICAMP pela oportunidade de me graduar aqui. Por fim, agradeço ao PIBIC/ CNPQ pelo apoio financeiro.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de adaptar e aplicar um teste de produção morfológica, conhecido como teste “wug” (Berko, 1958) em adultos alfabetizados com o segundo grau completo e nativos do português brasileiro. O teste foi criado originalmente com o intuito de analisar o aprendizado de morfologia de crianças expostas à língua inglesa. Uma das etapas do teste foi aplicá-lo em adultos para gerar uma referência comparativa no teste. Assim, o presente estudo se insere nesta etapa para o teste na língua portuguesa brasileira. Serão identificados os aspectos morfológicos relevantes do português brasileiro, um desenho experimental feito e a aplicação do teste. Ainda, haverá a análise dos dados gerados.

Palavras-chave: aquisição da linguagem, teste *Wug*, português brasileiro, adultos.

ABSTRACT

This research aims to adapt and apply Berko's (1958) test named "Wug" to literate adults who have completed high school and are native speakers of Brazilian Portuguese. The test was originally created with the purpose of analyzing the morphology learning of children exposed to the English language. One of the stages of the test was to apply it to adults to generate a comparative reference in the test. Thus, the present study is part of this stage for testing in Brazilian Portuguese. We will identify the relevant morphological aspects of Brazilian Portuguese, describe our experimental design and also the application of the test. Furthermore, there will be an analysis of the data generated.

Keywords: language acquisition, *Wug* test, Brazilian Portuguese, adults.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	O ESTUDO DE BERKO (1958)	2
1.2	OBJETIVO DESTE ESTUDO	4
2	METODOLOGIA E PRODUÇÃO DO MATERIAL	5
2.1	ANÁLISE DAS 1000 PALAVRAS MAIS FREQUENTES NA AMOSTRA	5
2.1.1	A QUESTÃO DAS AMBIGUIDADES	7
2.1.2	A QUESTÃO DO PRONOME “VOCÊ”	7
2.1.3	VERBOS	8
2.1.4	SUBSTANTIVOS	9
2.1.5	ADJETIVOS	12
2.1.6	CONCLUSÃO DA ANÁLISE MORFOLÓGICA	13
3	MATERIAL E APLICAÇÃO	14
3.1	MATERIAIS	14
3.2	PROCEDIMENTOS	15
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1	CRITÉRIOS DE ANÁLISE	16
4.2	TABELAS DE RESULTADO E ANÁLISE	16
4.3	COMPARAÇÃO ENTRE OS TRÊS NÍVEIS DE OCORRÊNCIA	21
4.4	A DITONGAÇÃO E A TROCA DO /E/ PELO /I/	22
5	CONCLUSÃO	23
6	BIBLIOGRAFIA	25
	ANEXO A: AS PERGUNTAS DO TESTE COM O FENÔMENO ESTUDADO	28
	ANEXO B: TCLE	31
	ANEXO C: AS PERGUNTAS DO TESTE DA MANEIRA COMO FOI APLICADO	34
	ANEXO D: TABELA POR FENÔMENO MORFOLÓGICO	37
	ANEXO E: RESULTADOS COMPLETOS	40

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Tempos verbais, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.	8
Tabela 2: Pessoas do discurso, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.	9
Tabela 3: Número dos substantivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais, acompanhados da flexão de número.	10
Tabela 4: Gênero dos substantivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais, acompanhados da flexão de gênero.	11
Tabela 5: Grau dos substantivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.	12
Tabela 6: Número dos adjetivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.	12
Tabela 7: : Gênero dos adjetivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.	12
Tabela 8: Grau dos adjetivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.	13
Tabela 9: Exemplos de perguntas feitas no experimento e fenômenos explorados.	14
Tabela 10: Palavras com alto nível de concordância, forma final com maior concordância, porcentagem de ocorrência e fenômeno estudado.	16
Tabela 11: Palavras com nível médio de concordância, forma final com maior concordância, porcentagem de ocorrência e fenômeno estudado.	17
Tabela 12: Palavras com nível baixo de concordância, forma final com maior concordância, porcentagem de ocorrência e fenômeno estudado.	19

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Extraído de Berko (1958, p. 154)	3
--	---

ÍNDICE DE TABELAS DO ANEXO D

Tabela D 1: fenômeno de gênero	37
Tabela D 2: fenômeno de número	37
Tabela D 3: fenômeno de grau	37
Tabela D 4: fenômeno de infinitivo	38
Tabela D 5: fenômeno de gerúndio	38
Tabela D 6: fenômeno de pretérito perfeito	38
Tabela D 7: fenômeno de presente	38

ÍNDICE DE TABELAS DO ANEXO E

Tabela E 1: azinato (gênero)	40
Tabela E 2: faquor (gênero)	40
Tabela E 3: sanão (gênero)	40
Tabela E 4: Opez (gênero)	40
Tabela E 5: nalhão (gênero)	40
Tabela E 6: tovô (gênero)	41
Tabela E 7: jitão (gênero)	41
Tabela E 8: soba (plural)	41
Tabela E 9: lalar (plural)	41

Tabela E 10: lðlinus (plural)	41
Tabela E 11: lanlól (plural)	42
Tabela E 12: tífen (plural)	42
Tabela E 13: võe (plural)	42
Tabela E 14: upocom (plural)	42
Tabela E 15: janél (plural)	42
Tabela E 16: cabíl (plural)	42
Tabela E 17: fidão (plural)	43
Tabela E 18: trógil (plural)	43
Tabela E 19: palás (plural)	43
Tabela E 20: cazis (plural)	43
Tabela E 21: charar (plural)	43
Tabela E 22: cilax (plural)	44
Tabela E 23: laco (grau)	44
Tabela E 24: Jovúni (grau)	44
Tabela E 25: pú (grau)	44
Tabela E 26: choba (infinitivo)	45
Tabela E 27: pilê (infinitivo)	45
Tabela E 28: ósli (infinitivo)	45
Tabela E 29: juquar (gerúndio)	45
Tabela E 30: baver (gerúndio)	45
Tabela E 31: dir (gerúndio)	46
Tabela E 32: jagoar (pretérito perfeito)	46
Tabela E 33: noguir (pretérito perfeito)	46
Tabela E 34: cater (pretérito perfeito)	47
Tabela E 35: songar (presente)	47
Tabela E 36: louger (presente)	47
Tabela E 37: futir (presente)	47

1 INTRODUÇÃO

A Linguística, estudo da linguagem, tem diversas áreas. Dentre elas, há a aquisição da linguagem. Como explicam Bezerra & Souza (2013, p.19), as pesquisas desta área têm como objetivo explicar a razão e como as crianças têm a habilidade de compreender infinitas sentenças e, em pouco tempo, conseguem formular enunciados em sua língua e a aplicá-la em diversas situações. Como Bezerra & Souza (2013, p. 19) afirmam:

“O processo pelo qual a criança adquire uma língua é uma das questões mais enigmáticas e complexas da natureza humana, acarretando muitas indagações que ainda esperam respostas e/ou necessitam de formulações precisas.”

Dentre as abordagens que buscam entender essas questões, há a **gerativista**, cujo principal nome é Noam Chomsky. Como explica Kenedy (2018, p.129), Chomsky considera que o comportamento linguístico das pessoas resulta de um dispositivo que é inato, se tratando de uma capacidade genética localizada na mente/cérebro do ser humano. O autor (p.129) diz que: “Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como *faculdade da linguagem*.” Ainda, Bezerra & Souza (2013, p.19) afirmam que este é um mecanismo exclusivo dos humanos. Kenedy (2018, p.129) diz que a faculdade da linguagem é o fator mais marcante que separa a espécie humana dos demais seres vivos.

Um dos argumentos de Chomsky é a criatividade. Como Kenedy (2018, p.128) explica, Chomsky aponta para a criatividade, termo técnico na teoria gerativista sobre o emprego da língua construindo frases nunca ditas ou ouvidas antes por um falante. O autor (p.128) diz que isso ocorre com todos os falantes, independente do nível de instrução, uma vez que todos podem formular frases novas de forma infinita, podendo ser frases simples ou elaboradas. O argumento sobre a **criatividade** converge com o estudo de Berko (1958), uma vez que sua pesquisa conta com a criatividade dos falantes para criar novas formas flexionadas ou derivadas a partir de pseudopalavras.

Um conceito importante dentro desta área é o de **período crítico**. Segundo Newport (2006, p.737), a definição de “período crítico” se refere a um período maturacional no qual experiências fundamentais têm seu pico, levando a um comportamento de acordo com a norma do ambiente de exposição do indivíduo. Contudo, no caso de essa exposição não ocorrer, esta experiência terá efeitos reduzidos ou inexistentes, ou seja, a própria experiência não ocorrerá resultando na falta de desenvolvimento do indivíduo. Seguindo esta lógica, o período crítico da linguagem se trata de uma época da vida do indivíduo durante a qual ele desenvolve sua competência linguística. Quando não há esta exposição, as capacidades

linguísticas ficam limitadas. Para Eric Lenneberg (1967, *apud* Newport, 2006, p.737), este período se encontra entre o começo da vida até a puberdade. No entanto, algo interessante acontece: enquanto a fonologia, sintaxe e morfologia só podem ser desenvolvidas com proficiência máxima neste período, o vocabulário e a semântica continuam se desenvolvendo para os aprendizes fora deste período crítico de forma normal (Newport, 2006, p.738). Para Kail (2013, P.50), é a partir do segundo ano e durante a infância que o aprendizado sobre o funcionamento da morfossintaxe se inicia e segue até o domínio sobre as estruturas sintáticas que são mais complexas.

O presente trabalho pretende usar estas informações e se basear no estudo de Jean Berko (1958).

1.1 O ESTUDO DE BERKO (1958)

Dentro da área de aquisição, há o estudo de Berko (1958). A motivação da autora para realizar seu estudo foi descobrir aquilo que as crianças expostas à morfologia inglesa aprendem. Berko (1958) argumenta que, para testar este conhecimento, deve-se usar um material inédito (inventado, inexistente), pois sabe-se que se a pessoa aplicar a regra morfológica corretamente a uma palavra já existente, ela pode simplesmente ter decorado esta forma. Contudo, se o indivíduo aplicar determinada regra morfológica em palavras não existentes, ele de fato sabe a regra, mesmo que inconscientemente.

A autora (1958) diz que é evidente que a aquisição da língua vai além de armazenar dados memorizados, já que é possível para as pessoas dizerem coisas que nunca falaram e nem ouviram antes. Ela explica que ao trazer a linguística descritiva ao estudo de aquisição da linguagem, espera-se gerar conhecimento sobre os sistemas e padrões empregados pelo falante.

O teste de Berko (1958) consiste em mostrar para crianças cartões com desenhos de personagens contendo palavras inventadas, para que elas dissessem a resposta com o fenômeno morfológico explorado em cada cartão. O texto presente nos cartões foi feito de forma a omitir a palavra desejada nas respostas de cada cartão. Contudo, algumas palavras reais foram inclusas, para perguntar aos participantes o motivo que eles acham de determinada palavra ser daquele jeito. No entanto, o teste original também foi aplicado em adultos para fins de comparação, estabelecendo os erros e acertos das crianças a partir das respostas dos adultos. É nesta fase que a presente pesquisa se insere. Desse modo, ao realizar-

se o teste “wug” exclusivamente com adultos, espera-se que eles apresentem uma gramática estável e mais bem definida para responder o experimento.

A figura abaixo exemplifica o teste e apresenta o personagem que dá nome ao experimento: *wug*.

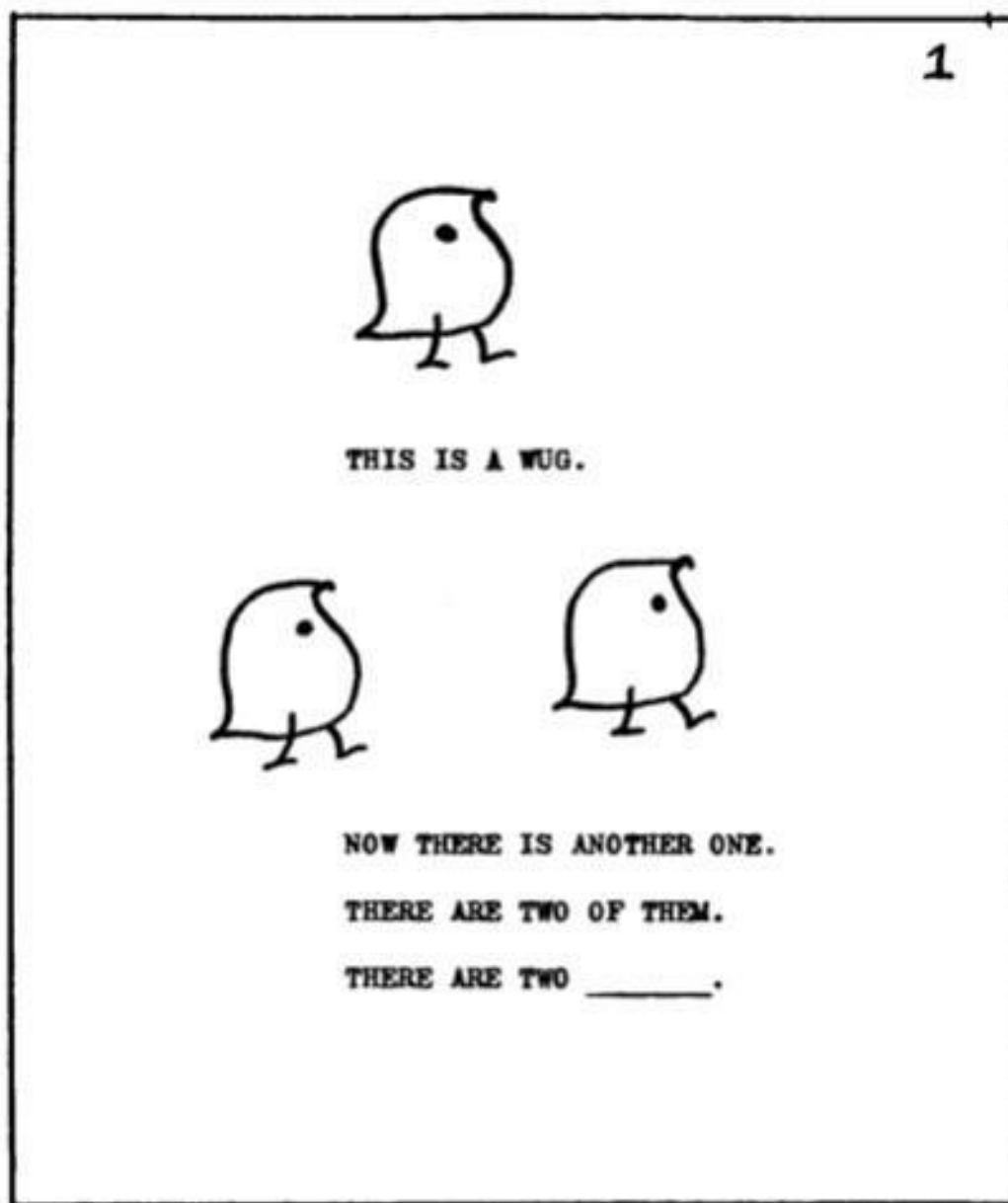


Figure 1. The plural allomorph in /-z/.

Figura 1: Extraído de Berko (1958, p. 154)

Tradução: “isso é um wug. Agora há outro. Há dois deles. Há dois ____.”

1.2 OBJETIVO DESTE ESTUDO

O objetivo geral do presente estudo é fornecer dados de referência da competência adulta para futuras aplicações do teste wug em crianças, adaptando e aplicando o teste original para falantes adultos nativos da língua portuguesa, os quais têm domínio das regras morfológicas de sua própria língua materna.

Outros objetivos para realizar este estudo são: determinar quais são os aspectos morfológicos relevantes para o português brasileiro, tendo em conta o objetivo de embasar estudos com crianças, e investigar se há homogeneidade ou variabilidade na competência morfológica de falantes adultos do português do Brasil. Para aplicar o teste, é importante entender como se deram os passos metodológicos e como se deu a construção do material.

2 METODOLOGIA E PRODUÇÃO DO MATERIAL

Segundo a metodologia de Berko (1958), foi preciso examinar o vocabulário real de crianças para testar o conhecimento morfológico delas. Por isso, foram analisadas as 1000 palavras com mais frequência no vocabulário de alunos da primeira série a partir da lista de Rinsland. Desse modo, analisamos uma amostra com dados ¹do português disponíveis na plataforma CHILDES ² com as 1000 palavras mais frequentes na fala de crianças. Considerando todas as amostras, havia crianças de 1 ano a 10 anos.

2.1 ANÁLISE DAS 1000 PALAVRAS MAIS FREQUENTES NA AMOSTRA

As classes gramaticais escolhidas para análise foram extraídas a partir das 1000 palavras disponíveis, ou seja, não foram utilizadas todas as palavras da lista. Assim, as selecionadas foram substantivos, adjetivos e verbos. Isso se deve pelo fato de que, como defende Ribeiro (p.71), essas classes fazem parte do sistema aberto, isto é, um sistema de palavras ilimitado e capaz de ser ampliado. Já as outras classes, ainda de acordo com Ribeiro (p.71), pertencem ao sistema fechado, limitado quanto ao número de suas palavras e não pode ser ampliado. Desse modo, uma vez que a proposta do trabalho é produzir pseudopalavras (palavras que não existem), só podemos fazê-lo com classes que permitem vocábulos novos. Isso vai ao encontro com o que Berko (1958, p.151) realizou em seu trabalho quanto aos pronomes:

"The pronouns were avoided both because of the difficulty involved in making up a nonsense pronoun, and because the pronouns are so few in number and so irregular that we would hardly expect even adults to have any generalized rules for the handling of new pronouns."

Apesar de Ribeiro citar advérbios como integrantes do sistema aberto, decidiu-se não trabalhar com essa classe gramatical porque não foi considerada relevante para o intuito do teste, uma vez que, no total, não foi uma classe gramatical com muitas ocorrências no corpus analisado.

Foram considerados os seguintes aspectos de flexão:

¹ Esses dados são extraídos por métodos computacionais e disponibilizados pelo orientador.

² Disponível em: <https://chilides.talkbank.org/access/Romance/Portuguese/AlegreLong.html>;
<https://chilides.talkbank.org/access/Romance/Portuguese/AlegreX.html>;
<https://chilides.talkbank.org/access/Romance/Portuguese/Florianopolis.html>

- a. Verbos: flexões (desinências) modo-temporais e número-pessoais. Esses casos apresentam, de acordo com Margotti & Margotti (2011, p.32), morfes cumulativos (morfes que são a junção de dois morfemas). No caso das desinências modo-temporais, há representações de tempo e modo de forma simultânea, assim como ocorre nas desinências número-pessoais, com noções de número e pessoa ao mesmo tempo.
- b. Substantivos: flexões (desinências) de número, gênero e grau.
- c. Adjetivos: flexões (desinências) de número, gênero e grau.

Contudo, a classificação de grau como flexão é questionada. Margotti & Margotti (2011, p.67) argumentam que o fato de que a NGB considera que os nomes se flexionam em grau é um erro, uma vez que, ao serem realizados por meio de sufixos, tanto o aumentativo quanto o diminutivo são processos morfológicos derivacionais. Quando, porém, acontecem por meio de adjetivos *grande* e *pequeno* são processos sintáticos. Os adjetivos submetidos aos graus comparativo e superlativo acontecem por meio de processos morfológicos de derivação ou através de expedientes de natureza sintática. Ribeiro (p.100) também se opõe à gramática tradicional e afirma que o grau nos nomes não ocorre a partir de um mecanismo flexional, mas sim por mecanismo derivacional, já que usa sufixos derivacionais ou um processo sintático. Ribeiro (p.100) conta que determinados nomes que eram aumentativos e diminutivos não mais indicam diminuição ou aumento com o passar dos anos, assumindo novos significados, como é o caso de "portão". Ribeiro avança dizendo que é mais coerente seguir Câmara Júnior (1979, *apud* Ribeiro, p.100) considerando que os nomes da língua portuguesa têm flexão de gênero e de número, além de uma *variação* em grau. Rocha Lima (2020, p.136) ao tratar da gradação do substantivo de forma sintética afirma que é um processo de derivação. Ainda, Bechara (2019, p.155) diz que a NGB confunde flexão e derivação. O autor (p.155) segue afirmando que, provando ser um processo derivativo e não de flexão, a derivação gradativa do substantivo é realizada por dois processos: sintético (acréscimo de um sufixo derivacional aumentativo ou diminutivo, como "homemzarrão" e "homenzinho") e analítico (utilização de uma palavra de aumento ou diminuição junto do substantivo, como "homem grande" e "homem pequeno"). Na mesma página, o autor afirma: "A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação".

2.1.1 A QUESTÃO DAS AMBIGUIDADES

A maior dificuldade desta etapa do trabalho de seleção das palavras que embasariam a escolha dos fenômenos morfológicos a serem investigados é como lidar com as palavras da lista que podem ter mais de uma classificação, como classe gramatical, tempo verbal etc. já que não faz sentido considerar a mesma palavra mais de uma vez, por exemplo, “filme”, uma vez como substantivo e uma vez como verbo. Dessa forma, não é possível classificar como se fossem dois dados, ou seja, contar o mesmo dado como se ocorresse duas vezes.

Uma vez que não consideramos o contexto no qual os dados da lista de 1000 palavras foram coletados, é um desafio determinar qual foi o uso real (mais frequente) da palavra citada. Há alguns exemplos que, considerando o cotidiano social, são mais fáceis de decifrar. Como é o caso de “boto”, o qual parece ser o verbo “botar” em 1ª pessoa do singular e não o animal “boto”, mas ainda assim há a possibilidade de não ser essa a classificação correta. Há casos mais difíceis de decifrar como “passeio” que pode ser tanto um substantivo quanto um verbo do presente na primeira pessoa do singular. Assim, tentar descobrir os casos sem o auxílio do contexto é mais complicado. Como não há uma forma totalmente eficaz de determinar a real classe dessas palavras, decidimos, em princípio, excluir as palavras com ambiguidades. A seguir, discuto alguns casos particulares.

2.1.2 A QUESTÃO DO PRONOME “VOCÊ”

O pronome “você” é muito usado no Brasil. Contudo, nas pessoas do discurso da gramática normativa e dicionários, esse termo não é contemplado. De acordo com Margotti & Margotti (2011, p.82, 83), o paradigma dos pronomes pessoais enfrenta, no momento, mudanças, como ocorre com a alternância entre *tu* e *você* e *vós* e *vocês*. Isso ocorre também com *nós* e *a gente*. Essas mudanças refletem nas flexões verbais. Tanto *você/vocês* quanto *a gente* têm a concordância em terceira pessoa, mesmo tendo a função de segunda e primeira pessoas, respectivamente. Às vezes, há tanto ambiguidade de pessoas do discurso quanto de tempo verbal e classe gramatical em uma mesma palavra.

Há ainda casos em que tanto a 3ª pessoa quanto a 1ª pessoa no singular têm a mesma forma de quando usamos *você* e *a gente*, por exemplo "estava". Contudo, estes casos não foram considerados por apresentarem ambiguidade de pessoa do discurso entre 1ª e 3ª pessoas. Sem contexto, fica difícil saber qual desses pronomes acompanharam as formas verbais presentes no corpus analisado. Uma vez que, se eliminarmos todos estes casos, perderíamos muitos dados, a solução encontrada foi considerar as ocorrências como 3ª pessoa

singular e plural, já que se encaixam melhor no teste. Por exemplo: "isto (ele/ela) é um wug" e não "você é um wug" nem "a gente é um wug".

2.1.3 VERBOS

Ao todo, foram selecionados 305 verbos que consideramos sem ambiguidades. Em relação ao particípio, ele é frequentemente confundido com o adjetivo. Ao contrário do particípio, o infinitivo e o gerúndio podem exercer, respectivamente, papéis de substantivo e advérbio (Rocha Lima, 2020, p.168), porém ainda assim, podemos reconhecê-los. Por outro lado, o particípio e o adjetivo, muitas vezes, nem diante de contextos podemos diferenciá-los. Desse modo, todos estes casos em que a palavra poderia ser particípio ou adjetivo foram excluídos, isto é, não foram considerados particípios nem adjetivos, mas sim ambíguos.

a. Desinência modo-temporal

As formas nominais infinitivo e gerúndio foram classificadas no mesmo grupo que os tempos verbais, já que Margotti & Margotti (2011, p.89) referem-se a elas como tempos. Vale citar que se optou por trabalhar com o infinitivo impessoal. Além disso, o imperativo não foi considerado, pois Margotti & Margotti (2011, p.87) explicam que não se trata de tempo verbal e sim verbos de situação, emprestando suas formas do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. Os verbos não ambíguos estavam todos no modo indicativo.

Tabela 1: Tempos verbais, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Tempo	Total (sem ambiguidade)
Presente	63/ 20, 6%
Pretérito perfeito	130/ 42,6%
Pretérito imperfeito	5/ 1,6%
Futuro do presente	1/ 0,32%
Infinitivo	74/ 24,2%
Gerúndio	32/ 10,49%

b. Desinência número-pessoal

Os que tinham marcação de pessoa do discurso, tiveram o total de 199 ocorrências. Desse modo, infinitivo e gerúndio não contam, pois, segundo Margotti & Margotti (2011, p.89), o infinitivo impessoal e o gerúndio não têm desinências número-pessoais, bem como o particípio não é marcado em pessoa. A partir disso, o total de ocorrências é: 305- 106 (infinitivo + gerúndio) =199.

Tabela 2: Pessoas do discurso, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Pessoa do discurso	Total (sem ambiguidades)
1ª singular	64/ 32,1%
2ª singular	5/ 2,5%
3ª singular	120/ 60,3%
1ª plural	4/ 2%
2ª plural	0/ 0%
3ª plural	6/ 3%

2.1.4 SUBSTANTIVOS

Ao todo, sem ambiguidades, foram 290 substantivos. Em relação ao gênero e número, há casos em que uma palavra pode ser feminino/masculino e singular/plural, respectivamente. Contudo, não foram consideradas como ambiguidades, uma vez que há uma classificação formal para estes casos, que serão tratados adiante.

Uma vez que todo substantivo pode ter função adjetiva e todo adjetivo pode ter função substantiva, os substantivos e adjetivos foram classificados conforme a classificação original deles, por exemplo: "gato" é classificado como substantivo, mesmo que possa funcionar como adjetivo, significando que alguém é bonito. As únicas ambiguidades consideradas em relação a isto são aquelas que não foi possível saber se eram originalmente substantivos ou adjetivos.

a. Número

De acordo com Margotti & Margotti (2011, p.78): "A flexão de número nos nomes variáveis (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) é determinada pela oposição, na qual a presença do morfema de plural [s] se opõe à ausência de morfema [ø] no singular." No entanto, os autores (p.78) marcam uma exceção: quando ocorre um morfema de plural [ø] em nomes que terminam em /s/, a não ser que se trate de oxítonos. Eles complementam que (p.78):

"O /s/ final desses substantivos, bem como o /s/ final do adjetivo *simples*, não constitui um morfema. O plural, nesses casos, é marcado por recursos sintáticos, em que os determinantes se pluralizam. (...)

pode-se afirmar que *lápiz* está no plural, mas só porque isso é marcado pelos determinantes, e não pelo /s/ final de *lápiz*."

Foram encontrados dois substantivos com esta questão, classificados como "sem flexão de número": *lápiz* e *tênis*. Nos casos de plural, foram todos feitos a partir da adição de -s.

Tabela 3: Número dos substantivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais, acompanhados da flexão de número.

Número	Total (sem ambiguidade)	Flexionados em número
Singular	260/ 89,6%	Não se aplica
Plural	28/ 9,6%	28/ 100%
Sem flexão de número	2/ 0,6%	Não se aplica

b. Gênero

De acordo com Margotti & Margotti (2011, p.69 e 70), na maioria dos nomes, ser masculino ou feminino trata-se de uma imposição gramatical, a qual não apresenta uma interferência no significado. Ainda segundo os autores, há substantivos indiferentes ao gênero, podendo ser usados tanto como masculinos quanto como femininos sem flexão (o/a analista) e são definidos pela concordância. Há ainda aqueles com gênero vacilante (o/a grama, no sentido de peso), cujos usos são decididos pelos falantes. E há aqueles com oposição de gênero por heterônimos (como homem e mulher). Além dos de gênero único, que não têm flexão nem concordância (a árvore).

Ainda, há os substantivos com oposição de gênero em relação a motivações de ordem sexual, (como lobo ≠ loba). Como explicam Margotti & Margotti (2011, p.70), só nestes casos se considera a flexão de gênero. Os autores (p.73), ainda afirmam:

"Somente os nomes aos quais se adiciona a desinência [a] para o feminino, estabelecendo uma oposição privativa com a forma correspondente masculina, são marcados quanto ao gênero. Por exemplo: **pata** em oposição a **pato**, **viúva** em oposição a **viúvo** etc."

Além disso, como afirmam Margotti & Margotti (2011, p.70), "Quando os indivíduos de sexos diferentes são representados por heterônimos, como **homem ≠ mulher**, **cavalo ≠ égua**, **boi ≠ vaca**, não ocorre flexão."

Portanto, os autores (p.71) dizem que "(...) todos os nomes têm gênero, porém nem todos se flexionam em gênero." Ou seja, o fato de uma palavra ser tida como substantivo

feminino no dicionário e na língua, não quer dizer que houve flexão de gênero. Eles citam, a partir de Câmara Jr. (1979, p.92, *apud* Margotti & Margotti, 2011, p.71), três grupos:

- Nomes substantivos de gênero único: (a) flor, (o) livro;
- Nomes substantivos de dois gêneros sem flexão: (o, a) artista;
- Nomes substantivos de dois gêneros com flexão: (o) menino, (a) menina.

Por fim, Margotti & Margotti (2011, p.70) afirmam: " As alterações de significado provocadas pela alteração de gênero vão além do interesse mórfico-descritivo, prestando-se, pois, para aprofundamentos de caráter semântico." Houve dúvida quanto a alguns vocabulários que mudaram de gênero e sentido, mas foram poucos e não causaram muita diferença nas porcentagens, como “jarra” comparada à “jarro”.

Tabela 4: Gênero dos substantivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais, acompanhados da flexão de gênero.

Gênero	Total (sem ambiguidades)	Flexionados em gênero
Feminino	125/ 43,1%	29/ 23,2%
Masculino	158/ 54,4%	Não se aplica
Invariável	7/ 2,4%	Não se aplica

c. Grau

Quanto ao grau, serão seguidas as classificações de Margotti & Margotti (2011, p.67 e 68). Os autores afirmam que, os diminutivos e aumentativos dos substantivos podem ser:

1 Processos sintáticos: formados com os adjetivos *grande* ou *pequeno*. Por exemplo: árvore grande, árvore pequena.

2. Processos morfológicos derivacionais: aumentativos e diminutivos se formam com sufixos, por exemplo: carrão, carrinho.

Trabalharemos com os morfológicos derivacionais, pois a tarefa experimental visa palavras isoladas, impossibilitando o reconhecimento do emprego de grau sintático. Além disso, Rocha Lima (2020, p. 136, 137 e 138), e outras fontes da gramática tradicional, listam uma série de palavras e suas formas diminutivas e aumentativas do grau sintético de acordo com a norma gramatical. Contudo, uma vez que estamos trabalhando com um corpus de fala coloquial, não nos basearemos na norma culta.

Tabela 5: Grau dos substantivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Grau	Total (sem ambiguidades)
Normal	270/ 93,1%
Diminutivo	20/ 6,8%
Aumentativo	0/0%

2.1.5 ADJETIVOS

No total, considerou-se 42 adjetivos não ambíguos.

a. Número

Tabela 6: Número dos adjetivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Número	Total (sem ambiguidades)	Flexionados em número
singular	40/ 95,2%	Não se aplica
plural	2/ 4,7%	2/ 100%

Somente dois casos apresentaram plural e todos os dois sofreram flexão de plural. Dentre os dois casos de plural, 1 foi feito adicionando o -s (*grandes*) no final e o outro adicionando -es no final (*felizes*).

b. Gênero

Os adjetivos que não variaram quanto ao gênero tiveram ocorrências significativas se comparados aos outros dois casos. Além disso, dentre os femininos, todos sofreram flexão de gênero.

Tabela 7: : Gênero dos adjetivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Gênero	Total (sem ambiguidades)	Flexionados em gênero
Masculino	16/ 38%	Não se aplica
Feminino	10/ 23,8%	10/ 100%
Invariável	16/ 38%	Não se aplica

c. Grau

Quanto aos adjetivos, ocorreu um caso de diminutivo. Margotti & Margotti (2011, p.67) citam a existência de adjetivos diminutivos e aumentativos.

Tabela 8: Grau dos adjetivos, suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Grau	Total (sem ambiguidades)
Normal	41/ 97,6%
Diminutivo	1/ 2,3%
Aumentativo	0/0%

2.1.6 CONCLUSÃO DA ANÁLISE MORFOLÓGICA

A partir desta análise, decidiu-se trabalhar com os seguintes fenômenos morfológicos:

- a. plural: apesar de não ter tido ocorrências significativas, considerou-se um aspecto importante para abordar no teste, por ser um aspecto comum no cotidiano da língua;
- b. gênero: teve uma quantidade expressiva de ocorrência e importante para ser abordado;
- c. grau: mesmo com poucas ocorrências, é um aspecto também importante presente na amostra por ser recorrente no cotidiano da língua. No entanto, somente o diminutivo foi escolhido, já que não houve ocorrência de aumentativo;
- d. pretérito perfeito: 1º tempo verbal mais recorrente na amostra;
- e. infinitivo: 2º tempo verbal mais recorrente na amostra;
- f. presente: 3º tempo verbal mais recorrente na amostra;
- g. gerúndio: 4º tempo verbal mais recorrente na amostra.

3 MATERIAL E APLICAÇÃO

3.1 MATERIAIS

É preciso dizer que não se replicou o trabalho perfeitamente, pois algumas adaptações foram feitas, por exemplo, nos estímulos, cujas diferenças serão explicadas adiante.

De acordo com a metodologia empregada por Berko (1958), pseudopalavras foram elaboradas de modo a respeitar a fonotaxe do português brasileiro. Contudo, ao contrário do que fez Berko (1958), não foram adicionadas figuras que representavam os textos, por se tratar de um experimento exclusivamente com adultos. Desse modo, os textos foram adaptados para fazerem sentido sem as imagens. No caso de aplicação em crianças, seria importante adicionar figuras. Além disso, as quatro primeiras perguntas foram feitas com palavras reais da língua portuguesa, com o intuito de estabelecer uma habituação, fazendo com que a pessoa entendesse melhor o funcionamento do teste. Ao todo, o teste foi aplicado em 32 pessoas maiores de 18 anos, com pelo menos o segundo grau completo e nativos do português brasileiro.

Vale destacar que a ordem das perguntas foi a mesma para todos os participantes. O participante teve acesso a uma cópia do teste para acompanhá-lo junto à pesquisadora. Abaixo, há alguns exemplos do que foi aplicado no teste. O teste inteiro, bem como todos os resultados, se encontram nos anexos nas páginas finais. Antes da pergunta, está indicado o fenômeno morfológico investigado.

Tabela 9: Exemplos de perguntas feitas no experimento e fenômenos explorados

Fenômeno explorado	Estímulo
Plural	Na sala, tinha uma soba. Agora, tem duas delas. Portanto, tem duas...
Gênero	A forma feminina da palavra faquor é...
Infinitivo	A Margarida pilê todo dia. Ela gosta muito disso. Então ela gosta muito de...
Pretérito perfeito	A Lia gosta de jagoar. Ontem ela fez a mesma coisa. Então, ontem ela...
Grau	Na floresta tem um laco. Em casa, tem um laco pequeno. Então, em casa tem um...
Gerúndio	O Milo gosta de baver. Ele está fazendo isso neste momento. Agora ele está

Presente	A Cacá ama louger. Todo dia ela faz isso. Então todo dia ela ...
----------	--

Em relação aos verbos, todas as categorias tiveram representantes das 3 conjugações: a 1ª (-a), a 2ª (-e) e a 3ª (-i). Todas na 3ª pessoa do singular.

Ao todo, foram 4 frases de habituação, 3 sobre infinitivo, 3 sobre gerúndio, 3 sobre passado simples, 3 sobre presente, 3 sobre grau, 7 sobre gênero e 15 sobre plural. Totalizando 41 perguntas.

3.2 PROCEDIMENTOS

A aplicação foi feita individualmente. A pesquisadora lia as perguntas enquanto o (a) participante acompanhava com sua cópia. Após ler a pergunta, ela esperava a resposta e anotava. Quando já tínhamos feito o experimento com alguns sujeitos, percebemos que seria útil ter gravado os experimentos para analisar, conferir as respostas dos participantes e fazer análise fonética. Porém, como já estava em andamento a coleta, optamos por não inserir a gravação. Em média, foram 10 minutos para cada aplicação do teste.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o teste, as respostas não foram consideradas “certas” ou “erradas”. No estudo de Berko (1958), a opinião adulta foi unânime no geral, mas houve discordância entre eles sobre formações que, apesar de serem comuns, eram formações irregulares. Contudo, diferentemente do que ocorreu no estudo de Berko (1958), em nosso estudo a maioria dos resultados dos adultos não foram unânimes, apresentando um grau significativo de variação. Além disso, os dados de habituação não serão analisados, por se tratar de palavras já existentes e, portanto, fora do escopo deste trabalho.

4.1 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Para fins de análise, foram consideradas as seguintes classificações: no caso de a ocorrência de maior número na resposta de um vocábulo for de 75% para cima, a palavra foi considerada com um alto nível de concordância nos resultados entre os participantes. Se a maior ocorrência for de 50% a 74%, a palavra teve um nível médio de concordância. No entanto, se a maior ocorrência for menor do que 50%, será considerado um nível baixo de concordância. Vale lembrar que nem todas as respostas dadas em cada palavra serão analisadas, somente as de maior relevância argumentativa e quantitativa.

4.2 TABELAS DE RESULTADO E ANÁLISE

Tabela 10: Palavras com alto nível de concordância, forma final com maior concordância, porcentagem de ocorrência e fenômeno estudado.

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Fenômeno estudado
Azinato	Azinata	100%	Gênero
Laral	Larais	100%	Plural
Vãe	Vães	96,8%	Plural
Choba	Chobar	96,8%	Infinitivo
Soba	Sobas	93,75%	Plural
Tífen	Tífens	93,75%	plural
Janél	Janéis	93,75%	plural

Cabíl	Cabís	90,6%	Plural
Songar	Songa	90,6%	Presente
Lanlól	Lanlóis	87,5%	Plural
Jagoar	Jagoou	87,5%	Pretérito perfeito
Upocom	Upocons	84,3%	Plural
Juquar	Juquando	81,25%	Gerúndio
Lôlinus	Lôlinus	78,1%	Plural
Fidão	Fidões	78,1%	Plural
Laco	Laquinho	75%	Grau

Em sua maioria, os vocábulos aplicados apresentaram um grande nível de concordância, como demonstra a tabela 10, em que 16 dos 37 vocábulos tiveram um padrão de concordância alto, em detrimento aos 12 de nível médio e às 9 ocorrências de nível baixo. Este resultado corrobora com a teoria exposta por Newport (2006) de que de fato o adulto já desenvolveu sua competência linguística, mais especificamente a morfologia, e consegue aplicá-la. Como defende Berko (1958), o fato de conseguirem aplicar as regras³ da língua mesmo sem terem visto previamente as palavras mostra que os participantes realmente as internalizaram.

Tabela 11: Palavras com nível médio de concordância, forma final com maior concordância, porcentagem de ocorrência e fenômeno estudado.

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Fenômeno estudado
Jovúni	Jovuninha	68,75%	Grau
Trógil	Trógeis	68,75%	Plural
Noguir	Noguiu	68,75%	Pretérito perfeito
Sanão	Sanã	62,5%	Gênero
Pú	Puzinho	62,5%	Grau
Futir	Fute/Futi	62,5%	Presente
Louger	Louge	56,25%	Presente
Casiz	Casizes	59,3%	Plural

³ Descritas em: Bechara (2019); Rocha Lima (2020); Fernandes (<https://www.todamateria.com.br/flexoes-degrau-do-substantivo/>); Diana (<https://www.todamateria.com.br/flexoes-de-genero-do-substantivo/>) e material disponibilizado pelo professor.

Opez	Opeza	53,1%	Gênero
Baver	Bavendo	53,1%	Gerúndio
Faquor	Faquora	50%	Gênero
Palás	Palás/Palais	50%	Plural

Nas palavras de média concordância (tabela 11), a maior parte dos resultados ainda seguiu as regras da língua, fato que corrobora com a questão de um adulto ser capaz de internalizar as regras morfológicas. No entanto, houve menor concordância entre as respostas. Há diversos aspectos que podem explicar isso. Alguns serão destacados adiante.

Houve participantes que empregaram outros recursos ao responder, adaptando as regras, por exemplo, em “opez” a segunda maior ocorrência foi “opaz”. Para o português brasileiro, a formação de gênero em uma palavra que termina em -z se faz adicionando o -a depois da última consoante da palavra, como aconteceu com a opção mais escolhida (opeza). Contudo, neste caso a regra foi adaptada e a mudança não foi depois da última consoante da palavra, mas sim na última vogal, na qual o -e transformou-se em -a. Uma outra explicação possível é que o z foi interpretado pelos falantes como plural e, por isso, houve esta troca, da mesma forma como aconteceria em *professores* para *professoras*. Assim, pega-se uma regra que acontece em outro contexto e aplica neste novo contexto, adaptando determinada regra.

E, desse modo, como houve vários tipos de possibilidades a partir destas adaptações, o resultado ficou menos concentrado, resultando em um nível médio de concordância. De fato, em algumas palavras classificadas de alta concordância também houve outras respostas adaptando regras, porém foram poucas e não tiveram grande impacto no resultado final.

Além disso, havia casos que pela regra, há mais de uma resposta possível, e, portanto, esse fator influencia a não concentração de uma única resposta. No nível médio, isso ocorreu com *sanão* em que, de acordo com a formação de gênero feminino, há várias possibilidades, como -oa, -ã ou -ona. Apesar de a maioria escolher *sanã*, as outras duas respostas ocorreram também (*sanoa* e *sanona*).

Outro ponto foi a concentração em duas principais alternativas, o que diluiu as porcentagens de ocorrência, como em *palás*, no qual a resposta mais frequente foi *palás/paláis*, no entanto, muitas pessoas escolheram *paláses*.

Tabela 12: Palavras com nível baixo de concordância, forma final com maior concordância, porcentagem de ocorrência e fenômeno estudado.

Palavra	Forma final com maior concordância Entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Fenômeno estudado
Cílix	Cílix e Cílixes/ Cílixis	43,75% cada	Plural
Nalhão	Nalhã	43,75%	Gênero
Tovô	Tovó	43,75%	Gênero
Charar	Charas/ Charaes/ Charais	40,6%	Plural
Pilê	Piler	37,5%	Infinitivo
Ósli	Oslar	37,5%	Infinitivo
Cater	Cateu	37,5%	Pretérito Perfeito
Jitão	Jitona e Jitã	34,3% cada	Gênero
Dir	Dirando e Dirindo	25% cada	Gerúndio

O nível de concordância baixo (representado na tabela 12) foi o que menos apresentou ocorrências. Da mesma forma que ocorreu antes, a maior parte das palavras citadas na tabela 11 seguiu as regras esperadas, que, mesmo em porcentagens menores, ainda representam as ocorrências mais frequentes. Há palavras que estão classificadas no nível baixo por diversos motivos em conjunto.

Da mesma forma como ocorreu com o nível médio, houve várias possibilidades de aplicação de regras e, nesses casos, a distribuição foi maior do que o nível médio, evitando a concentração em somente uma forma e diminuindo a porcentagem de cada resposta dada. Como em *jitão*; *nalhão*; *tovô* (talvez pela analogia a *avô* e *avó*), que admitem mais de uma resposta. Outra questão foi que, igualmente mencionado na classificação média, a concentração em duas principais possibilidades acabava por diluir as porcentagens de ocorrência, como ocorreu com *cilax*, no qual as respostas *cilax* e *cilaxes/cilaxis* tiveram a mesma quantidade de ocorrências e *cater*, com a principal ocorrência *cateu*, tendo um número significativo de ocorrências frequentes com *catiou/cateou*.

Além disso, algumas formas de palavras são escassas no português brasileiro, e, portanto, mais complicadas de se internalizar as regras. Um exemplo desse tipo de ocorrência

acontece em *cilax*: palavras terminadas em -x são incomuns e são invariáveis. Porém, por quase não existir palavras assim no português brasileiro, é compreensível o fato de que os participantes recorreram a outros padrões para solucionar esta questão, evitando, novamente, a concentração em uma só resposta. Tanto é que a opção igualmente mais respondida foi “cílaxes”, ou seja, a aplicação do -es como plural, uma das regras de plural do português brasileiro, que ocorre com final -s (tônico), -z (tônico), -r e -n. A partir deste exemplo, também pode-se falar em adaptação de regras em alguns casos de baixa concordância. Um outro exemplo é *dir*, que será abordado mais adiante.

Outro ponto interessante é que alguns participantes ao responderem nas categorias verbais (infinitivo, gerúndio, presente e pretérito perfeito), transformaram com frequência verbos de 2ª e 3ª conjugações em 1ª conjugação, como ocorreu com *cater*, em que a segunda resposta mais frequente foi *cateou/catiou*, cujo processo de remover o -ar (nesse caso -er) e adicionar -ou para formar o pretérito perfeito pertence à 1ª conjugação. Em muitos casos, essa não foi a solução da maioria, já que a maioria seguiu as regras esperadas, mas aconteceu em quantidades relevantes nas palavras de baixa concordância e de média concordância. Um exemplo é a palavra “ósli”, de 3ª conjugação, mas que a maioria escolheu “oslar”, isto é, transformaram em 1ª conjugação.

De certa forma, essas transformações de 2ª e 3ª conjugações na 1ª conjugação abrem espaço para a hipótese⁴ de que os verbos novos do português brasileiro tendem a ser de 1ª conjugação, como ocorre com as palavras *deletar* e *tuitar*. Uma vez que se trata de palavras não existentes e, portanto, novas, faz sentido considerar algo assim. Esse padrão não ocorreu em palavras de alta concordância, uma vez que todos os verbos presentes na categoria de alta concordância pertencem à 1ª conjugação. Isto pode sugerir, dentro da hipótese mencionada, que justamente por já serem da 1ª conjugação é que houve muita concordância nas respostas.

Um caso notável foi o de *dir* da 3ª conjugação. Seguindo as regras da língua para a formação do gerúndio, o -r é removido e o -ndo é acrescentado no final, preservando a vogal temática -i. Dessa maneira, o esperado seria “dindo”, mas as duas maiores ocorrências igualmente numéricas entre si foram “dirando”, o transformando na 1ª conjugação, e “dirindo”, preservando, de certa forma, a 3ª conjugação. Ambas as escolhas em detrimento a “dindo”, que ocorreu em quantidade menor, foram provavelmente feitas porque “dir” é uma palavra muito pequena, adaptando, assim, essa regra.

⁴ Não lembro a referência, pois vi essa hipótese numa aula. Um membro da banca sugeriu que seria do Mattoso Câmara Jr. Mas mesmo pesquisando, não encontrei a referência exata.

Algo que chamou a atenção foi a adoção de recursos sintáticos para solucionar o que estava sendo pedido, como em “pú pequeno”, “jovúni pequena”, “faquor fêmea”, “sanão fêmea”. Mesmo que não seja o objetivo do estudo, é interessante analisar que alguns participantes não se limitaram à morfologia, utilizando uma forma sintática analítica e produzindo resultados igualmente válidos na língua portuguesa brasileira.

4.3 COMPARAÇÃO ENTRE OS TRÊS NÍVEIS DE OCORRÊNCIA

O resultado demonstra que a classificação do nível alto foi a que teve maior número de palavras registradas segundo o padrão de análise, seguida pela média e depois a baixa. Isso mostra que os participantes conseguiram aplicar as regras morfológicas muito bem e indica que internalizaram regras morfológicas. Além disso, o fato de ocorrer concordância média não necessariamente significou que as pessoas não sabiam responder, mas sim que havia outras respostas possíveis ou adaptaram as regras que já sabiam, como foi discutido anteriormente.

Outro ponto relevante foi que os níveis médio e baixo não abrangeram todos os fenômenos estudados. Isso sugere que não tem a ver necessariamente com a habilidade de internalizar as regras da língua, uma vez que se fosse o caso, todos os fenômenos apresentariam dificuldade de internalização das regras linguísticas. A partir desse raciocínio, pode-se justificar essa situação pelos fatores mencionados anteriormente.

Além disso, algo interessante é que em todos os fenômenos estudados estavam presentes no alto nível de concordância, provando que em todos eles houve internalização das regras, e as baixas concordâncias não têm a ver com os fenômenos em si.

O fator *criatividade* de Chomsky, descrito por Kenedy (2018, p.128), é confirmado nos três níveis de concordância, já que os participantes foram capazes de responder, mesmo que de diferentes formas, perguntas sobre vocabulários com os quais nunca tiveram contato.

Ao contrário do que aconteceu no nível alto, os níveis médio e baixo tiveram ocorrências fora das regras esperadas, quatro vezes (charar, ósli, dir e palás), o que mostra que as pessoas tiveram dificuldades em entender como lidar com essas palavras e optaram por várias alternativas para resolver o problema, causando uma menor concentração nas palavras. Além disso, em *cilax* ocorreu igualmente a regra esperada (cilax) e uma regra não esperada (cilaxes/cilaxis), porém esse caso já foi explicado anteriormente.

4.4 A DITONGAÇÃO E A TROCA DO /E/ PELO /I/

Como não houve um padrão de anotação adequado e os resultados foram somente escritos e não gravados, algumas palavras foram contadas como diferentes, sendo que só eram uma variação da outra. Dessa forma, alguns resultados foram juntados em um só.

Houve casos em que esta variação foi causada pela ditongação. Aragão (2014, p.8) revela que a sílaba tônica favorece a ditongação e, quando há mais de uma sílaba, a tônica final favorece a ditongação. Isso ocorreu com *palás* que foi unido a *paláis* e *charas* que foi unido a *charais/charaes*. Apesar de o artigo de Aragão (2014) se concentrar nas capitais brasileiras, o fenômeno citado também ocorreu nesse experimento, mesmo havendo participantes de fora das capitais, como por exemplo no interior de São Paulo e interior do Rio de Janeiro.

Outro caso de ditongação presente neste estudo foi a união de *sanoa* e *sanoua*. Um acontecimento notável foi a ditongação em uma sílaba átona: *palásses* unido a *palásseis*.

Outra questão trata da frequente troca do /e/ pelo /i/ no português brasileiro, mas que continua sendo a mesma palavra do ponto de vista fônico, como ocorreu com *cílaxes* e *cilaxis*, e *charaes* e *charais*.

5 CONCLUSÃO

A partir dos dados expostos nesse estudo é possível afirmar que o objetivo da pesquisa de Berko (1958) foi também alcançado aqui: a indicação de que, de fato, houve internalização das regras morfológicas exploradas, mesmo que os resultados não sejam unânimes, indicando também haver variação e regras alternativas em jogo. Muitas vezes, mesmo quando os participantes não seguiram a regra mais esperada de acordo com a norma padrão do português brasileiro, de alguma forma, eles envolviam uma regra em seu raciocínio em grande parte das vezes. Uma das adaptações de regra mais frequentes quanto aos verbos inventados foi a de aplicar os padrões da 1ª conjugação em verbos de outras conjugações.

Outras teorias também foram favorecidas, como o período crítico tratado por Newport (2006) e a questão da criatividade de Chomsky (Kenedy, 2018).

Para fins de análise foram divididos em três grupos de unanimidade: o nível alto (a resposta mais escolhida foi igual ou superior a 75%), o nível médio (em que a mais escolhida ficou entre 50% e 74%) e o nível baixo (resposta mais escolhida abaixo de 50%). A maioria das ocorrências foram de nível alto. Ao todo, no nível alto foram 16, seguido de 12 ocorrências no nível médio e 9 no nível baixo.

Ainda, a não ocorrência de todos os fenômenos nos níveis médio e baixo favorecem a interpretação de que não tem a ver com os fenômenos, mas sim com outros fatores já mencionados, como adaptação de regra e mais de uma possibilidade de ocorrência. Se o problema fosse não conseguir internalizar as regras, todos os fenômenos apareceriam nos níveis médio e baixo.

No entanto, há aspectos desse projeto que poderiam ser refinados em uma investigação futura. A escolha de não gravar a aplicação do teste prejudicou o entendimento, já que as anotações não deram certeza de pronúncia, que nesse teste é muito importante. A falta de um padrão de anotação também dificultou a análise, pois foi difícil saber em algumas ocasiões se se tratava da mesma palavra, só que com diferenças na pronúncia ou se era outra palavra cuja marca que a diferencia de outra seria a sílaba tônica. Outra questão relacionada aos outros pontos de dificuldade relatados anteriormente é o fato de que, sem gravação ou padrão de anotação, não foi possível anotar a descrição fonológica, como aconteceu no estudo original de Berko (1958). Assim, a falta de uma análise mais voltada à fonologia foi uma limitação deste trabalho e esse poderia ser um aspecto a cuidar em uma pesquisa futura.

Para estudos futuros, que provavelmente serão na fase de aplicação com crianças, seria importante coletar os dados de maneira mais cuidadosa para evitar as dificuldades enfrentadas neste estudo.

6 BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, M.S.S. DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO NAS CAPITAIS BRASILEIRAS. In: Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina. 17., 2014, João Pessoa. Anais da ALFAL 2014. João Pessoa: Ideia, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/r0395-1.pdf>. Acesso em 14 de junho 2024.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BELLARD, H. *Guia prático de conjugação de verbos*. São Paulo: Cultrix, [1969?] (ano provável).

BERKO, J. The Child's Learning of English Morphology. *Word*, 14, pp. 150-177, 1958.

BEZERRA, G. B.; SOUZA, L. B. de. A Aquisição de Linguagem por Chomsky e Tomasello. *DLCV - Língua, Linguística & Literatura*, 10 (1 e 2), p. 19-32, 2013.

Batoréo, H. J. (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, PhD Dissertation, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia, Lisboa, 2000.

DIANA, Daniela. Flexões de gênero do substantivo. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/flexoes-de-genero-do-substantivo/>. Acesso em: 9 jun. 2024

Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>> último acesso em: 07/02/2024

S.A, P. I. **Dicionário Priberam, Dicionário Online de Português Contemporâneo**.

Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org>>. último acesso em: 07/02/2024

FERNANDES, Márcia. Flexões de Grau do Substantivo. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/flexoes-de-grau-do-substantivo/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

Guimarães, A. M. (1994). Desenvolvimento da linguagem da criança na fase de letramento. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 26, 103–110.

Guimarães, A. M. (1995). *The use of the CHILDES database for Brazilian Portuguese*. In I. H. Faria & M. J. Freitas (Eds.), *Studies on the acquisition of Portuguese*. Lisbon: Colibri.

KAIL, M. *Aquisição de Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2013.

KENEDY, E. *Gerativismo*. in: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 127-140.

LIMA, ROCHA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 56ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI R.C.M.F. *Morfologia do Português*, UFSC, UAB. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008. – (Dicionários Michaelis)

MICHAELIS: dicionário escolar inglês. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. – (Dicionário Michaelis)

NEVES, F. Aumentativos e diminutivos: Grau do Substantivo. Norma Culta. Disponível em: < <https://www.normaculta.com.br/aumentativos-e-diminutivos/> > acesso em 07/02/2024

NEWPORT, E. Language Development, Critical Periods in. **Encyclopedia of Cognitive Science**, 15 jan. 2006.

PACHECO, C. DE A. **DIFERENÇA ENTRE FLEXÃO E DERIVAÇÃO**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/18.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

RIBEIRO, M.G.C. Morfologia da língua portuguesa. [não encontramos o resto da bibliografia].

RIGONATTO, M. Derivação. Português.com.br. Disponível em: <<https://www.portugues.com.br/gramatica/derivacao.html>> acesso em 07/02/2024

Santos, A. L. (2006). Minimal Answers. Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese. Ph.D. Dissertation. Universidade de Lisboa. (Published 2009, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins).

[Santos, A. L., M. Génereux, A. Cardoso, C. Agostinho, S. Abalada \(2014\)](#). A corpus of European Portuguese child and child-directed speech. In *Proceedings of the 9th Conference on Language Resources and Evaluation – LREC 2014*. European Language Resources Association (ELRA).

SCLIAR-CABRAL, L. **CHILDES Portuguese Florianópolis Corpus**. Disponível em: <<https://childe.talkbank.org/access/Romance/Portuguese/Florianopolis.html>>. Acesso em: 14 dez. 2024.

VIANA, G. **Grau superlativo: o que é, quando usar, tipos**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/o-grau-superlativo-dos-adjetivos.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ANEXO A: AS PERGUNTAS DO TESTE COM O FENÔMENO ESTUDADO

1. Habituação plural. “Na padaria, tem um brigadeiro. Agora tem dois deles, portanto tem dois...”
2. Habituação gerúndio. “A Lívia gosta de dançar. Ela está fazendo isso agora. Então agora ela está...”
3. Habituação infinitivo. “A Paula está correndo. Ela gosta muito disso. Então, ela gosta muito de”
4. Habituação gênero. “A forma feminina de menino é ...”
5. Infinitivo. “A Pitu choba todo dia. Ela gosta muito disso. Então ela gosta muito de...”
6. Gênero. “A forma feminina da palavra jítão é ...”
7. Plural. “Na sala, tinha uma soba. Agora, tem duas delas. Portanto, tem duas...”
8. Plural. “Na escola, tinha um lalal. Agora tem dois deles. Então tem dois...”
9. Plural. “No intervalo, foi visto um lólinus. Mas, no fim do jogo, foram vistos dois deles. Então foram vistos dois...”
10. Gerúndio. “A Maria gosta de dir. Ela está fazendo isso agora. Agora ela está...”
11. Gênero. “A forma feminina da palavra faquor é...”
12. Infinitivo. “A Margarida pilê todo dia. Ela gosta muito disso. Então ela gosta muito de...”
13. Plural. “No zoológico, tinha um lanlól. Mas agora tem dois deles. Portanto, tem dois...”
14. Plural. “A Lili tinha um tífen. Mas agora ela tem dois, então ela tem dois...”
15. Plural. “Na cozinha, tinha uma vâe. Mas agora tem duas delas. Assim, tem duas...”
16. Passado simples. “A Lia gosta de jagoar. Ontem ela fez a mesma coisa. Então, ontem ela...”

17. Grau. “Na floresta tem um laco. Em casa, tem um laco pequeno. Então, em casa tem um...”

18. Grau. “No shopping, tem uma jovúni. Na casa do meu amigo tem uma jovúni pequena. Então, na casa dele tem uma ...”

19. Plural. “O Zezé tinha um cílax. Mas agora ele tem dois. Então ele tem dois ...”

20. Gerúndio. “O Milo gosta de baver. Ele está fazendo isso neste momento. Agora ele está ...”

21. Infinitivo. “A Mari ósli todo dia. Ela gosta muito disso. Portanto, ela gosta muito de ...”

22. Presente. “A Cacá ama louger. Todo dia ela faz isso. Então todo dia ela ...”

23. Gênero. “A forma feminina da palavra azinato é”

24. Plural. “Na aula, tinha um upocom. Mas agora, tem dois deles, sendo assim, tem dois ...”

25. Passado simples. “A Nina gosta de noguir. Ontem ela fez essa mesma ação.

Então, ontem ela ...”

26. Plural. “Na festa tinha um janél. Agora tem dois deles. Agora tem dois ...”

27. Gênero. “A forma feminina da palavra sanão é ...”

28. Plural. “Aquele cachorro tinha um cabíl. Mas agora ele tem dois. Desse modo, ele tem dois ...”

29. Presente. “O Dudu gosta de futir. Ele sempre faz isso. Então ele sempre ...”

30. Gênero. “A forma feminina da palavra nalhão é ...”

31. Plural. “Aquele animal da granja era trógil. Agora, dois deles são assim.

Portanto, dois deles são ...”

32. Plural. “Na fazenda, tinha um palás. Agora, tem dois deles. Assim, tem dois...”

33. Plural. “Ontem, tinha uma charar na rua. Hoje, tem duas delas, então tem duas

...”

- 34. Gênero. “A forma feminina da palavra tovô é ...”
- 35. Plural. “Um casiz estava na praça. Agora, tem dois deles. Portanto, tem dois ...”
- 36. Presente. “A Tuti gosta muito de songar. Todo dia ela faz isso. Então todo dia ela ...”
- 37. Gênero. “A forma feminina da palavra opez é ...”
- 38. Grau. “Na sala de aula tem um pó. No almoxarifado tem um pó pequeno. Então, no almoxarifado tem um ...”
- 39. Gerúndio. “A Ju gosta de juquar. Agora, ela está fazendo isso. Agora ela está ...”
- 40. Passado simples. “A Lola gosta de cater. Ontem ela também fez isso. Então, ontem ela...”
- 41. Plural. “No terraço, tinha um fidão. Agora tem dois deles. Então tem dois...”

ANEXO B: TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Avaliação de conhecimento de regras morfológicas do português brasileiro em adultos através do teste “wug”

Ana Beatriz Godinho de Oliveira

Pablo Picasso Feliciano de Faria (orientador)

Número do CAAE: (77396924.1.0000.8142)

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Esta pesquisa tem por objetivo principal observar, descrever e analisar a produção de morfemas do português brasileiro por adultos falantes nativos e alfabetizados. O objetivo secundário é subsidiar futuros estudos experimentais de aquisição da linguagem, disponibilizando uma referência de comparação do *Teste Wug* a partir de dados de falantes adultos cuja língua materna seja o português brasileiro (PB) e alfabetizados.

Procedimentos:

Durante a participação no experimento, você será apresentado(a) a uma série de ilustrações sobre as quais o experimentador fará algumas perguntas e pedirá para que complete algumas frases contendo palavras conhecidas e também palavras inventadas, parecidas com palavras da língua. Não há respostas certas ou erradas, portanto, as respostas esperadas são as que você imaginar naturalmente. Os dados desta pesquisa serão digitalizados e armazenados na nuvem em repositório próprio, onde somente os pesquisadores deste estudo terão acesso, pelo período de 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

Desconfortos e riscos:

Os possíveis desconfortos que um participante voluntário nesta pesquisa pode enfrentar são mínimos e envolvem principalmente a possibilidade de se sentir desconfortável devido ao tempo gasto na realização das atividades propostas. Para proteger a privacidade do participante e evitar

qualquer exposição ou constrangimento, o nome do participante será mantido em sigilo. Além disso, o envolvido tem o direito de interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de justificção, caso se sinta desconfortável. Se o participante manifestar desconforto durante as sessões, lhe será perguntado se deseja participar em outro momento. É importante destacar que ele não será obrigado a retornar para concluir as atividades se não desejar fazê-lo.

Benefícios:

Não há previsão de benefícios diretos aos participantes. A presente pesquisa tem por objetivo gerar benefícios indiretos através do enriquecimento científico do campo de estudos de Aquisição da Linguagem e sobre a descrição do conhecimento linguístico de falantes do português brasileiro.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa em danos decorrentes da pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação identificadora será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e indenização:

Como as sessões serão realizadas em local combinado com o participante, você não terá nenhuma despesa extra na participação desta pesquisa. Por não lhe trazer nenhum ônus, nenhum ressarcimento é previsto. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Ana Beatriz Godinho de Oliveira, Instituto de Estudos da Linguagem, telefone (19) 982874461, anabeatriz.oliveira1502@gmail.com ou Pablo Picasso Feliciano de Faria, Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, sala D.1.12 (Pavilhão Docente do IEL, UNICAMP), telefone (19) 3521-1707 e e-mail fariap@unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua

Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2o piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas. **Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome _____ do(a)
participante: _____

_____/_____/_____
Data:

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____/_____/_____
Data:

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO C: AS PERGUNTAS DO TESTE DA MANEIRA COMO FOI APLICADO

1. “Na padaria, tem um brigadeiro. Agora tem dois deles, portanto tem dois...”
2. “A Livia gosta de dançar. Ela está fazendo isso agora. Então agora ela está...”
3. “A Paula está correndo. Ela gosta muito disso. Então, ela gosta muito de”
4. “A forma feminina de menino é ...”
5. “A Pitu choba todo dia. Ela gosta muito disso. Então ela gosta muito de...”
6. “A forma feminina da palavra jitão é ...”
7. “Na sala, tinha uma soba. Agora, tem duas delas. Portanto, tem duas...”
8. “Na escola, tinha um lalal. Agora tem dois deles. Então tem dois...”
9. “No intervalo, foi visto um lólinus. Mas, no fim do jogo, foram vistos dois deles. Então foram vistos dois...”
10. “A Maria gosta de dir. Ela está fazendo isso agora. Agora ela está...”
11. “A forma feminina da palavra faquor é...”
12. “A Margarida pilê todo dia. Ela gosta muito disso. Então ela gosta muito de...”
13. “No zoológico, tinha um lanlól. Mas agora tem dois deles. Portanto, tem dois...”
14. “A Lili tinha um tifen. Mas agora ela tem dois, então ela tem dois...”
15. “Na cozinha, tinha uma vâe. Mas agora tem duas delas. Assim, tem duas...”
16. “A Lia gosta de jagoar. Ontem ela fez a mesma coisa. Então, ontem ela...”
17. “Na floresta tem um laco. Em casa, tem um laco pequeno. Então, em casa tem um...”
18. “No shopping, tem uma jovúni. Na casa do meu amigo tem uma jovúni pequena. Então, na casa dele tem uma ...”
19. “O Zezé tinha um cílax. Mas agora ele tem dois. Então ele tem dois ...”

20. “O Milo gosta de baver. Ele está fazendo isso neste momento. Agora ele está ...”

21. “A Mari ósli todo dia. Ela gosta muito disso. Portanto, ela gosta muito de ...”

22. “A Cacá ama louger. Todo dia ela faz isso. Então todo dia ela ...”

23. “A forma feminina da palavra azinato é”

24. “Na aula, tinha um upocom. Mas agora, tem dois deles, sendo assim, tem dois

...”

25. “A Nina gosta de noguir. Ontem ela fez essa mesma ação. Então, ontem ela ...”

26. “Na festa tinha um janél. Agora tem dois deles. Agora tem dois ...”

27. “A forma feminina da palavra sanão é ...”

28. “Aquele cachorro tinha um cabíl. Mas agora ele tem dois. Desse modo, ele tem dois ...”

29. “O Dudu gosta de futir. Ele sempre faz isso. Então ele sempre ...”

30. “A forma feminina da palavra nalhão é ...”

31. “Aquele animal da granja era trógil. Agora, dois deles são assim. Portanto, dois deles são ...”

32. “Na fazenda, tinha um palás. Agora, tem dois deles. Assim, tem dois.”

33. “Ontem, tinha uma charar na rua. Hoje, tem duas delas, então tem duas ...”

34. “A forma feminina da palavra tovô é ...”

35. “Um casiz estava na praça. Agora, tem dois deles. Portanto, tem dois ...”

36. “A Tuti gosta muito de songar. Todo dia ela faz isso. Então todo dia ela ...”

37. “A forma feminina da palavra opez é ...”

38. “Na sala de aula tem um pú. No almoxarifado tem um pú pequeno. Então, no almoxarifado tem um ...”

39. “A Ju gosta de juquar. Agora, ela está fazendo isso. Agora ela está ...”

40. “A Lola gosta de cater. Ontem ela também fez isso. Então, ontem ela...”
41. “No terraço, tinha um fidão. Agora tem dois deles. Então tem dois...”

ANEXO D: TABELA POR FENÔMENO MORFOLÓGICO

Tabela D 1: fenômeno de gênero

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância
Azinato	Azinata	100%	Alto
Sanão	Sanã	62,5%	Médio
Faquor	Faquora	50%	Médio
Opez	Opeza	53,1%	Médio
Nalhão	Nalhã	43,75%	Baixo
Tovô	Tovó	43,75%	Baixo
Jitão	Jitona e Jitã	34,3% cada	Baixo

Tabela D 2: fenômeno de número

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância
Laral	Larais	100%	Alto
Vãe	Vães	96,8%	Alto
Soba	Sobas	93,75%	Alto
Tífen	Tífens	93,75%	Alto
Janél	Janéis	93,75%	Alto
Cabíl	Cabís	90,6%	Alto
Lanlól	Lanlóis	87,5%	Alto
Upocom	Upocons	84,3%	Alto
Lôlinus	Lôlinus	78,1%	Alto
Fidão	Fidões	78,1%	Alto
Trógil	Trógeis	68,75%	Médio
Casiz	Casizes	59,3%	Médio
Palás	Palás/ paláis	50%	Médio
Cílox	Cílox e cilaxes/cilaxis	43,75% cada	Baixo
Charar	Charais/charaes/charas	40,6%	Baixo

Tabela D 3: fenômeno de grau

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância

Laco	Laquinho	75%	Alto
Jovúni	Jovuninha	68,75%	Médio
Pú	Puzinho	62,5%	Médio

Tabela D 4: fenômeno de infinitivo

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância
Choba	Chobar	96,8%	Alto
Pilê	Piler	37,5%	Baixo
Ósli	Oslar	37,5%	Baixo

Tabela D 5: fenômeno de gerúndio

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância
Juquar	Juquando	81,25%	Alto
Baver	Bavendo	53,1%	Médio
Dir	Dirando e Dirindo	25% cada	baixo

Tabela D 6: fenômeno de pretérito perfeito

Palavra	Forma final com maior concordância entre os participantes	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância
Jagoar	Jagoou	87,5%	Alto
Noguir	Noguiu	68,75%	Médio
Cater	Cateu	37,5%	Baixo

Tabela D 7: fenômeno de presente

Palavra	Forma final com maior concordância	Porcentagem de ocorrência	Nível de concordância
---------	------------------------------------	---------------------------	-----------------------

	entre os participantes		
Songar	Songa	90,6%	Alto
Futir	Fute/ Futi	62,5%	Médio
Louger	Louge	56,25%	Médio

ANEXO E: RESULTADOS COMPLETOS

Tabela E 1: azinato (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Azinato	Azinata	32	100%

Tabela E 2: faquor (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Faquor	Faquora	16	50%
	Faquar	7	21,8%
	Facar	3	6,25%
	Faquor	2	3,1%
	Faquoa	1	3,1%
	Faquore	1	3,1%
	Faqua	1	3,1%
	Faquor fêmea	1	3,1%

Tabela E 3: sanão (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Sanão	Sanã	20	62,5%
	Sanoa/sanoua	7	21,8%
	Sanona	2	6,25%
	Sanão	1	3,1%
	Sanãs	1	3,1%
	Sanão Fêmea	1	3,1%

Tabela E 4: Opez (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Opez	Opeza	17	53,1%
	Opaz	7	21,8%
	Opez	5	15,6%
	Opoa	1	3,1%
	Opéia	1	3,1%
	Opezéia	1	3,1%

Tabela E 5: nalhão (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Nalhão	Nalhã	14	
	Nalhoa	7	

	Nalhona	5	
	Nalha	4	
	Nalhão	2	

Tabela E 6: tovô (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Tovô	Tovó	14	43,75%
	Tová/ Tova/ Tóva	9	28,1%
	Tovoa	4	12,5%
	Tavô	2	6,25%
	Tovã	2	6,25%
	Tovô	1	3,1%

Tabela E 7: jítão (gênero)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Jitão	Jitona	11	34,3%
	Jitã	11	34,3%
	Jitoa	7	21,8%
	Jita	2	6,25%
	Jitão	1	3,1%

Tabela E 8: soba (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Soba	Sobas	30	93,75%
	Sobinhas	1	3,1%
	Soba	1	3,1%

Tabela E 9: laral (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Laral	Larais	32	100%

Tabela E 10: lôlinus (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Lôlinus	Lôlinus	25	78,1%
	Lolinuses	5	15,6%
	Lolinusses	1	3,1%
	Ônibus	1	3,1%

Tabela E 11: lanlól (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Lanlól	Lanlóis	28	87,5%
	Lanóis	2	6,25%
	Lanlóles	1	3,1%
	Lalóis	1	3,1%

Tabela E 12: tifen (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Tífen	Tífens	30	93,75%
	Tífenes	2	6,25%

Tabela E 13: vãe (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Vãe	Vães	31	96,8%
	Vãenes	1	3,1%

Tabela E 14: upocom (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Upocom	Upocons	27	84,3%
	Pocões	1	3,1%
	Upocomes	1	3,1%
	Upocões	1	3,1%
	Ipocons	1	3,1%
	Opocons	1	3,1%

Tabela E 15: janél (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Janél	Janéis	30	93,75%
	Janéles	2	6,25%

Tabela E 16: cabíl (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Cabíl	Cabís	29	90,6%
	Cabíles	3	9,3%

Tabela E 17: *fidão* (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Fidão	Fidões	25	78,1%
	Fidãos	6	18,75%
	Fidães	1	3,1%

Tabela E 18: *trógil* (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Trógil	Trógeis	22	68,75%
	Trógis	5	15,6%
	Trógiles	3	9,3%
	Trógius	2	6,25%

Tabela E 19: *palás* (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Palás	Palás/paláis	16	50%
	Paláses	13	40,6%
	Palás/Paláis/ Paláses	3	9,3%

Tabela E 20: *cazis* (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Cazis	Casizes	19	59,3%
	Cazis	11	34,3%
	Cassizes	1	3,1%
	Cazius	1	3,1%

Tabela E 21: *charar* (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Charar	Charais/ Charaes/ Charas	13	40,6%
	Charares	7	21,8%
	Charazes	4	12,5%
	Charar	3	9,3%
	Charars	3	9,3%
	Chararas	2	6,25%

Tabela E 22: cilax (plural)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Cilax	Cilax	14	43,75%
	Cilaxes/ Cilaxis	14	43,75%
	Cílags	4	12,5%

Tabela E 23: laco (grau)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Laco	Laquinho	24	75%
	Laco	5	15,6%
	Laco pequeno	1	3,1%
	Laconiho	1	3,1%
	Laquino	1	3,1%

Tabela E 24: Jovúni (grau)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Jovúni	Jovuninha	22	68,75%
	Jovúni	4	12,5%
	Jovinha	1	3,1%
	Javoninho	1	3,1%
	Jovúni pequena	1	3,1%
	Jovuninho	1	3,1%
	Jovininha	1	3,1%
	Juvininha	1	3,1%

Tabela E 25: pú (grau)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Pú	Puzinho	20	62,5%
	Puinho	5	15,6%
	Pú pequeno	3	9,3%
	Pú	3	9,3%
	Puninho	1	3,1%

Tabela E 26: choba (infinitivo)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Choba	Chobar	31	96,8%
	Choba	1	3,1%

Tabela E 27: pilê (infinitivo)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Pilê	Piler	12	37,5%
	Pelar	7	21,8%
	Pilê	6	18,75%
	Pilear	5	15,6%
	Pilerar	1	3,1%
	Piletar	1	3,1%

Tabela E 28: ósli (infinitivo)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Ósli	Oslar	12	37,5%
	Oslar	9	28,1%
	Oslir	6	18,75%
	Ósli	2	6,25%
	Osler	1	3,1%
	Oslizar	1	3,1%
	Oslire	1	3,1%

Tabela E 29: juquar (gerúndio)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Juquar	Juquando	26	81,25%
	Juquarando	3	9,3%
	jaquareando	1	3,1%
	Juquariando	1	3,1%
	jucando	1	3,1%

Tabela E 30: baver (gerúndio)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Baver	Bavendo	17	53,1%
	Baverando	7	21,8%
	Bavereando	2	6,25%
	Bavando	2	6,25%

	Baveando	1	3,1%
	Bavariar	1	3,1%
	Baverindo	1	3,1%
	Cozinhando	1	3,1%

Tabela E 31: *dir* (gerúndio)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Dir	Dirando	8	25%
	Dirindo	8	25%
	Dindo	4	12,5%
	Dirigindo	3	9,3%
	Dir	2	6,25%
	Direndo	2	6,25%
	Dirinho	1	3,1%
	Dirgindo	1	3,1%
	Dirdo	1	3,1%
	Direcionando	1	3,1%
	Dirigir	1	3,1%

Tabela E 32: *jagoar* (pretérito perfeito)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Jagoar	Jagoou	28	87,5%
	Jagoarou	1	3,1%
	Jagoar	1	3,1%
	Jagoando	1	3,1%
	Jagoarar	1	3,1%

Tabela E 33: *noguir* (pretérito perfeito)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Noguir	Noguiu	22	68,75%
	Nogou	2	6,25%
	Nogueu	1	3,1%
	Noguou	1	3,1%
	Noguireou	1	3,1%
	Nogueirou	1	3,1%
	Noguiou	1	3,1%
	Noguirou	1	3,1%
	Noguiriar	1	3,1%
	Noguior	1	3,1%

Tabela E 34: cater (pretérito perfeito)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Cater	Cateu	12	37,5%
	Catiou/ Cateou	7	21,8%
	Cateve	3	9,3%
	Catereou/ Cateriou	3	9,3%
	Catou	3	9,3%
	Caterou	2	6,25%
	Catér	1	3,1%
	Cateriu	1	3,1%

Tabela E 35: songar (presente)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Songar	Songa	29	90,6%
	Songareia	2	6,25%
	Songara	1	3,1%

Tabela E 36: louger (presente)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Louger	Louge	18	56,25%
	Louja	3	9,3%
	Louger	3	9,3%
	Lougereia	2	6,25%
	Lougeia	2	6,25%
	Lougiriar	1	3,1%
	Lougeria	1	3,1%
	Lougear	1	3,1%
	Lougerendo	1	3,1%

Tabela E 37: futir (presente)

Palavra original	Resultados	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Futir	Fute/ Futi	20	62,5%
	Futa	3	9,3%
	Futir	3	9,3%
	Futiu	3	9,3%
	Futireia	2	6,25%

	Futiará	1	3,1%
--	---------	---	------